

APROXIMAÇÕES A UMA TEOLOGIA INTEGRAL NA UNÇÃO DOS ENFERMOS

Regina Fernandes Sanches¹

RESUMO

A unção dos enfermos é uma prática cristã bíblica e histórica. Seu procedimento tem variado de acordo com as representações cristãs e as teologias que as norteiam. Na atualidade, tem sido o pentecostalismo histórico e a religiosidade popular que, ainda que a partir de concepções diferentes, tem lhe dado uma versão mais dinâmica no contexto da pastoral, dos dons carismáticos e da evangelização. Nesse artigo propõe-se atribuir-lhe teologicamente um novo sentido no conjunto da missão integral da Igreja.

Palavras-chave: unção; óleo; enfermos; cura; missão integral.

INTRODUÇÃO

A unção é uma prática antiga de Israel e povos circunvizinhos. No Cristianismo adotou-se, em quase todas as suas representações, a unção dos enfermos com óleo em relação de continuidade com a prática religiosa-cultu-

¹ Regina Fernandes Sanches é Mestre em Teologia e Práxis pela FAJE, Coordenadora da Graduação em Teologia da Faculdade Refidim, Joinville, SC.

ral antiga. Desde o período medieval, a unção era observada no Catolicismo como a *extrema-unção*, aplicada às pessoas que estavam próximas à morte para confortá-las por meio da cura de suas almas. No Protestantismo histórico tem sido tratada geralmente como um rito sacramental e litúrgico, que integra as atividades cúlticas da Igreja, visando o fortalecimento da fé e da espiritualidade, principalmente daqueles que estão enfermos.

No Pentecostalismo e no movimento evangélico renovado trata-se de uma prática missional (e pastoral), de caráter intercessório e simbólico, normalmente ministrada a qualquer pessoa enferma ou com problemas emocionais, visando a promoção do seu bem estar por meio da cura, em uma ação de fé do enfermo, do ministrante e demais participantes do ato. Partem do pressuposto teológico que as curas milagrosas, em nome de Jesus Cristo, acontecem ainda em nossos dias e podem ser associadas à unção com óleo, mas não limitada exclusivamente a ela.

Na religiosidade popular e no seu uso funcional pelo Neopentecostalismo, a unção com óleo possui um caráter mediatório dos favores divinos em prol da cura de enfermidades, proteção de bens materiais e solução de problemas.

Historicamente este é um tema que pode ser estudado na teologia dos sacramentos, teologia da espiritualidade, teologia pastoral, religiosidade brasileira e, no caso da teologia pentecostal, na pneumatologia ou eclesiologia.

É em vista das variações teológicas e práticas, bem como da verificação dos seus novos sentidos para a cultura atual, que o artigo faz algumas aproximações para uma teologia integral da Unção dos Enfermos e da cura física e emocional, a partir de sua prática no Pentecostalismo histórico. Para isso, discorre primeiramente sobre as origens bíblicas e em seguida sobre o tratamento que ela recebeu no decorrer da história da Igreja. Sugere o Pentecostalismo histórico como seu inovador à luz do mode-

lo neotestamentário e das demandas da atualidade, e o contexto teológico e prático da missão integral da Igreja como o lugar em que ela pode alcançar sua melhor expressão.

1 A UNÇÃO NO CONTEXTO BÍBLICO

A prática da unção remonta ao período do Antigo Testamento, onde era aplicada em diversas situações, da cosmética aos ritos de consagração, mas geralmente associada à ideia de santificação ou separação, seja de sacerdotes (Êx. 29.7; 40.15; Lev. 10.7), do santuário, de vestes e objetos (Lev. 8.10; Êx. 29.29; Num. 7.1), dos reis (I Sam. 10.1; 15.1; 16.13; II Reis 9.2; Sl. 89.20), como identificação do povo de Deus (Is. 10.27) e em relação ao Messias, considerado o Ungido de Deus (Is. 61.1). Sobre isso testifica Hebreus 1.9 ao confirmar Jesus como aquele sobre o qual estava o óleo da alegria pré-anunciado em Sl. 45.7: “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade, por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros”.

É com este sentido que no Novo Testamento a unção é frequentemente relacionada à Jesus, o Ungido de Deus, para a obra que realizaria no mundo (Luc. 4.18; Atos 10.38), por meio da sua missão salvadora. Neste caso, não se trata exatamente da unção com óleo, mas da unção do Espírito Santo ao qual o óleo representa: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração...” (Luc. 4.18). Todavia, o NT não descarta a unção com azeite, mas a relaciona aos casos de doença ou como preparação para a morte na tradição veterotestamentária, como foi no caso do próprio Jesus ao ser ungiu por Maria Madalena.

A unção relacionada à enfermidade é localizada mais especificamente em dois textos do Novo Testamento:

[...] ungiam muitos doentes com óleo e os curavam. (Marcos 6:13)

Há alguém doente entre vocês? Chame os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com azeite, em nome do Senhor. E a oração feita com fê curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, será perdoado. (Tiago 5.14-16).

Os dois textos utilizam o mesmo termo para a palavra “ungir”, que é *aleiphô* e diz respeito ao derramamento de azeite sobre uma pessoa, conforme prática comum entre os povos antigos, tanto para o tratamento da beleza como da própria saúde, utilizando o óleo com fins medicinais. Em Israel (Rt. 3.3, Dn. 10.3), além da unção para santificação também se praticava a unção como forma de cuidado do corpo e da saúde, como um modo de honrar ao hóspede e também aos mortos.

Nos dois textos mencionados, Marcos 6.13 e Tiago 5.14-16, a unção com óleo é relacionada à cura de enfermidades, não no sentido de consequência ou de eficácia do rito em si, mas por causa da ação missionária ou pastoral de cuidado do enfermo e como sinal da presença do Reino de Deus no mundo. A diferença entre os dois não está na prática da unção, mas nos seus resultados ou na cura associada a ela.

No caso de Marcos 6.13, o termo utilizado para se referir à finalidade da unção é *therapeuô*, que significa “servir” e “cuidar” (no sentido médico) em ação de misericórdia, o que pode ser traduzido também como “curar”, no contexto da missão, conforme seu uso em 43 ocorrências no NT (40 somente nos Sinóticos - Mateus, Marcos e Lucas). O episódio da cura relacionada à unção com óleo faz parte do envio dos doze em atividade missionária, como um dos sinais que acompanhariam a pregação de arrependimento, juntamente com a expulsão de demônios. Inferimos que curas de enfermidades ocorriam de fato, mas estavam associados à tarefa evangelizadora dos discípulos como evidências concretas do Reino que eles anunciavam. Se é no contexto da missão, na ordenança aos discípulos está o comissionamento da Igreja, portanto, a unção com óleo não está restrita ao ambiente eclesial em seus ritos litúrgicos, ou ao clero, mas a

toda ação proclamadora do Reino de Deus para aqueles que são chamados ao arrependimento realizada pelos crentes em missão.

Outra observação relevante é o termo utilizado *therapeuô*, que dá a ideia de “cuidado”, bastante pertinente à ação a qual ele está associado, que é a atividade missionária de Jesus e dos discípulos, revelando que a cura milagrosa é, na realidade, uma ação de misericórdia, cuidadora e solidária com aquele que sofre, por parte daquele que missiona.

Em Tiago 5.14-16, o termo empregado para curar é *iaomai*, que significa “curar”, “restaurar”, que pode ser associado ao resultado de tratamento médico-psicológico. Trata-se de uma cura mais abrangente, de fundo também emocional, e que teria a ver com a natureza psicossocial da enfermidade. Tiago utiliza o termo localizando na ação eclesial-pastoral, pois o menciona como um ato do *Presbyteros*, o líder da comunidade. Este possui como responsabilidade buscar a cura não somente daqueles de fora da Igreja por meio da evangelização e anúncio do Reino, mas também dos de dentro dela, por meio da promoção da comunhão. Neste caso, a cura é sinônima à salvação e é fruto do perdão de pecados, não no sentido da doutrina judaica da retribuição, mas naquele demonstrado por Jesus, como de libertação de um sofrimento que, de certa forma, tem raízes no pecado humano e nos problemas de relacionamento da comunidade. Para Tiago, esta é um tipo de situação que deve ser resolvida junto à Igreja em atitudes de confissão, concerto de relacionamento, unção, oração uns pelos outros, perdão e restauração, na presença e com a mediação de sua liderança. Tem a ver com a restauração da *koinonia*, a comunhão da Igreja. Tudo isto em nome do Senhor Jesus Cristo.

2 A UNÇÃO NA HISTÓRIA DA IGREJA

A unção com óleo continuou a ser praticada pela Igreja após o período neotestamentário e integrou sua tradição. Os pais da Igreja manteve-

ram-na para o cuidado dos enfermos e como auxílio para a confirmação da fé dos novos cristãos. Tornou-se, com o tempo, um dos sacramentos da Igreja cristã, que se preserva até hoje na Igreja Católica.

No período medieval a unção com óleo passou a ser ministrada às pessoas que estavam para morrer, seja devido às guerras ou às doenças daqueles que chamamos hoje de “pacientes terminais”. Visava o perdão dos pecados em vista do alívio do sofrimento, a ajuda para resistir às tentações e para dar-lhes uma “boa passagem” desta vida para a outra. Como sacramento deveria ser ministrada pelos presbíteros da Igreja. Os concílios da Igreja Católica reafirmaram o sacramento da Unção dos Enfermos no uso que vinha sendo feito até então. No Vaticano II estenderam a aplicação da unção com óleo para aqueles que corriam risco de morte de um modo geral e para os idosos. Outra mudança aprovada por este concílio foi a substituição do azeite de oliva pelo óleo comum (desde que fosse de planta). A unção deveria ser aplicada na fronte da pessoa e em suas mãos.

2.1 Na reforma protestante

Na Reforma Protestante a discussão sobre a Unção dos Enfermos passou pela Teologia dos Sacramentos, ou seja, pelo entendimento sobre quais são os verdadeiros sacramentos da Igreja. O reformador João Calvino sustentou a ideia dos sacramentos como meios de comunicação de Deus a nós, além da Palavra, como uma forma de visibilização da graça de Deus e realização das suas promessas. Para ele, eram sinais concretos de algo sagrado, ou seja, a graça é invisível, mas manifesta-se em sinais concretos, para fins de fortalecimento e sustentação da nossa fé. Os sacramentos, reconhecidos somente como o batismo e a ceia, fundamentam-se em Jesus Cristo e são importantes por causa dele, nunca por causa dos ministrantes, que são meros instrumentos da graça do Senhor Jesus. É Jesus, por meio do dom do Espírito Santo, quem confere aos sacramentos

sua eficácia em nós. Na teologia protestante histórica, os sacramentos visam essa função significativa de visibilização da graça de Cristo para fins de seu conhecimento e de suas promessas. Lutero acrescentou aos tais a confissão, de acordo com a Confissão de Augsburgo:

A Confissão de Augsburgo, no Artigo VII, afirma que “a Igreja é a congregação dos santos, na qual o evangelho é pregado de maneira pura e os sacramentos são administrados corretamente”. Os Artigos IX a XII tratam do Batismo, da Ceia do Senhor, da Confissão e do Arrependimento, e o Art. XIII do Uso dos Sacramentos. Note-se que Confissão aparece como sacramento.²

A unção dos enfermos não foi tratada como sacramento pela Igreja Protestante. Calvino aceitava a cura das doenças relacionadas à unção dos enfermos como uma graça específica do primeiro século e da Igreja nascente, da mesma forma que os milagres em geral. Para ele, eles possuíam a função de testemunhar do evangelho de Jesus Cristo em suas origens. Ainda assim, não por causa do azeite ou do seu ministrante, mas devido ao dom do Espírito que possuía nesses elementos sua simbolização. Essa inclusive é uma das principais razões dele não admitir essa prática eclesial como sacramento.

2.2 Na modernidade

Na modernidade (em sua fase mais recente), o Pentecostalismo, com origens no início do século XX, retomou o sentido neotestamentário da prática da unção com óleo, ao afirmar a contemporaneidade dos milagres bíblicos, seja no contexto dos dons espirituais ou da ação missional da Igreja. Para os pentecostais, se o Espírito Santo continua a batizar as

² KLEIN, Carlos Jeremias. Calvino e os sacramentos. Algumas considerações sob a perspectiva da teologia de Tillich. In: **Revista Eletrônica Correlatio**, nº 14 - Dezembro de 2008.

peças e a enche-las com seu poder, seus milagres continuam também atuais e realizados por meio da instrumentalização da Igreja.

Nesse caso, a unção refere-se primeiramente à capacitação dessa Igreja como comunidade do Senhor Jesus. Ela possui a unção do Espírito Santo para representá-lo em missão no mundo (I João 1.27), bem como nos esclarecer acerca de Jesus Cristo e nos tornar aptos à missão.

Mas há a unção enquanto prática ministerial, a que os textos de Marcos e de Tiago se referem, e que deve fazer parte da ação pastoral e missionária da Igreja. No envio dos doze estão também as raízes teológicas do envio da Igreja ao mundo para a proclamação do Reino de Deus e sinalização de sua presença. Devido a isto, ela é também chamada de comunidade apostólica. Seguir a Jesus a coloca conseqüentemente em missão, tanto para o anúncio do evangelho como para a visibilização do seu Reino, já presente no mundo através dele. Inferimos, à luz dessa ordenança, que nossa ação deve ser integral, ou seja, ao anúncio deve seguir o cuidado, a ação de misericórdia e, portanto, a libertação e a cura daqueles que sofrem. Isso poderá ser realizado tanto através do cuidado médico e farmacêutico, como no caso da parábola do bom samaritano, como da cura milagrosa por meio da ação missionária da comunidade.

Onde há manifestação do Reino de Deus haverá manifestação da plena liberdade. Isto deve fazer parte da vida da Igreja em missão, não para atrair a atenção para si ou para indivíduos específicos, mas para aquele que a enviou, Jesus Cristo, e que pode tornar o ser humano verdadeiramente livre. A liberdade humana passa por condições de nível existencial, de restauração física e emocional e da prática de modos de vida saudáveis.

É assertivo também compreender a unção com óleo como parte da ação pastoral da Igreja. Não deve ser visto como coisa comum e sem importância, a comunidade eclesial ter em seu meio pessoas que sofrem com enfermidades, principalmente se forem relacionadas a sentimentos de culpa, problemas entre os irmãos ou quaisquer outras situações de pecado ou

entristecimentos. Faz parte da pastoral bíblica e integradora o cuidado amoroso do enfermo e daquele que sofre, conduzi-lo ao arrependimento, à plena restauração dos relacionamentos, mediante a oração, perdão dos pecados propiciado por Jesus Cristo e cura pelo mover do Espírito Santo. A unção com óleo demonstra este cuidado do líder e da comunidade eclesial, que assiste àqueles que dela fazem parte tratando-os também de forma integral.

Reafirmamos que a cura deve ser vista como manifestação do poder de Jesus Cristo. Mesmo quando acompanhadas da unção com óleo, não se dão por sua causa, ainda que cientificamente o óleo possua poder medicinal. Também não se deve aos discípulos ou aos presbíteros, que não possuem poderes próprios, mas por causa de Jesus Cristo, em nome de quem a unção e a oração é realizada. É ele quem atua através da Igreja, portanto, somente a ele deve ser dado o mérito e a glória.

3 A UNÇÃO DOS ENFERMOS NA RELIGIOSIDADE POPULAR

No Brasil há uma religiosidade popular peculiar, que tem se manifestado nas mais diversas representações religiosas que nele existem. Ela possui origens históricas na própria formação cultural do povo brasileiro e se tornou alternativa diante dos processos de colonização religiosa e sócio-econômicas sofridas no país. Além das religiões indígenas e afrobrasileiras, contamos com as versões populares do Catolicismo romano e do Protestantismo histórico. O Pentecostalismo histórico é tachado de popular desde o seu nascedouro, e ainda é a forma de fé evangélica da maior parte dos protestantes brasileiros e latinoamericanos.

A religiosidade popular possui como característica a priorização da oralidade e da narrativa como modo de comunicação da fé, em detrimento de sua forma confessional e teológico-racionalista. A vivência dessa fé se dá geralmente por meio da espiritualidade mística, que busca indi-

vidual ou coletivamente o contato com o divino. Tal busca não visa meramente o sentimento da transcendência, mas a intervenção divina na realidade concreta para a solução de problemas.

Em vista disso, no contexto da religiosidade popular, temos constatado por vezes o uso mediatório da unção com óleo, como um recurso que aciona diretamente os favores divinos em relação àquele que é ungi-do, seja para a cura de uma enfermidade ou para a solução de um proble-ma. É comum também, nesse contexto, o uso da unção com óleo para objetos e bens visando sua proteção ou multiplicação. Este uso místico-religioso acontece também com a Escritura Sagrada, como fala direta de Deus prescindindo de interpretação, com o batismo como meio direto de purificação e com os elementos da ceia como meio direto de santifi-cação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A unção com óleo é uma prática que remonta aos antecedentes histórico-teológicos da Igreja. Ela tem sido preservada ao longo dos tem-pos e faz parte da tradição cristã. Todavia, os recentes movimentos cris-tãos, como o próprio protestantismo, tem lhe atribuído novos sentidos e lugares na ação eclesial, como parte da vida litúrgica da Igreja. Deveu-se, no entanto, ao pentecostalismo a construção de um modelo mais próximo ao praticado no contexto neotestamentário, ao relacioná-la à cura do cor-po e dos problemas emocionais, mediante o acolhimento, o cuidado amo-roso e a atuação milagrosa do Espírito Santo.

Não é possível, no entanto, verificar com a mesma segurança um sentido bíblico neotestamentário para o uso da unção com óleo para obje-tos ou bens materiais. Trata-se de uma prática comum no contexto da reli-giosidade popular e do Neopentecostalismo, mas não exatamente do Pro-tes-tantismo e Pentecostalismo histórico.

Em relação às pessoas e seus problemas com a saúde, é fato conhecido que o Brasil convive atualmente com um sistema de saúde ainda precário, e sua população sofre com doenças diversas causadas por problemas sócio-econômicos, como: falta de saneamento básico, má alimentação, ausência de políticas e ações preventivas, etc. Nosso povo sente dor, literalmente, como o povo assistido por Jesus na Palestina dos seus tempos. No episódio da multiplicação dos pães, a multidão seguiu a Jesus e a seus discípulos em busca de cura para suas dores e sofrimentos. Até mesmo pessoas com muitos recursos financeiros e intelectuais buscaram fontes diversas de solução quando acometidas por doenças incuráveis.

A ciência médica avança a cada dia em suas pesquisas e tem encontrado a cura para muitos males. Sabemos, todavia, que o acesso aos tratamentos médicos decorrentes não é para todos e muitos morrem em filas de postos de saúde, hospitais, transplante de órgãos, etc. A Igreja é a comunidade do Reino de Deus e não pode negar sua própria natureza: sobre ela está a unção do mesmo Espírito que estava sobre Jesus, o Espírito Santo de Deus. Cabe a ela cuidar daqueles que sofrem e usar de misericórdia, seja providenciando tratamentos médicos em ações diaconiais ou sendo instrumento de Deus para a realização de curas milagrosas.

REFERÊNCIAS

- BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- CARRIKER, C. Timóteo. **Espiritualidade: onde, quando e como**. Viçosa: Ultimato, 1997.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Ritual da unção dos enfermos**. São Paulo: Loyola, 2000.
- COSTAS, Orlando E. A vida no Espírito. In: **Boletim Teológico**. São Leopoldo, FTL, ano 3, no. 10, p. 51-64, dez., 1989.
- D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. **Um projeto de espiritualidade integral**. Brasília: Sião, 1988.
- DE VAUX, R. **Instituições de Israel**. São Paulo: Teológica, 2003.
- FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. **O Novo Testamento grego analítico**. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- GONDIM, Ricardo. **É proibido**. São Paulo, Mundo Cristão, 1998.
- KLEIN, Carlos Jeremias. Calvino e os sacramentos. Algumas considerações sob a perspectiva da teologia de Tillich. In: **Revista Eletrônica Correlatio**, nº 14 - Dezembro de 2008.
- LIBÂNIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MCGRATH, Alister. **Uma introdução à espiritualidade cristã**. São Paulo: Vida, 2008.